



JORNALISMO E MÍDIA:

Paranóia e crise das competências simbólicas

por Malena Segura Contrera¹

Resumo/Abstract: Quando os estudos da área de comunicação declaram que o real está morto e foi substituído pelo simulacro, e quando a sociedade festeja essa substituição através do consumo imagético, sem se perguntar pelas consequências dessa operação histórica que aponta para a falência das capacidades simbólicas e da representação (trocadas pela ilusão do hiper-real), como entender a função e o fazer jornalístico? A informação vira pretexto para as sociabilidades periféricas e efêmeras da estética do cotidiano, e estas se tecem a partir de uma mega-operação de mostragem. Nesse cenário, perguntamo-nos: como ficam os discursos jornalísticos que se dizem comprometidos com o real, ou, melhor dizendo, com os consensos e dissensos sociais? Devorado pelo próprio universo midiático, o Jornalismo dissolve-se numa crise de vocação. É então que temos a própria mídia (sua ideologia, economia, suas tecnologias, seus recursos e obsessões, etc.), ocupando o lugar deixado pelo discurso jornalístico, numa operação simbólica na qual não só o meio é a mensagem, como o meio é a única mensagem possível.

¹ Malena Segura Contrera é doutora em Comunicação e Semiótica, professora da pós-graduação em Comunicação pela Universidade Católica de Santos, Chefe de Depto. de Jornalismo na Un. P. Mackenzie e Presidenta do CISC (gestão 2001/03). Autora dos livros O mito na mídia (1995) e Mídia e Pânico (2002), ambos pela Ed. Annablume, de S. Paulo.





"Nas relações entre as coisas existe sempre um hiato, uma distorção, uma brecha que impede qualquer redução do semelhante ao semelhante. Isto é ainda mais verdadeiro para os seres humanos. Nunca estamos exatamente presentes para nós mesmos, nem para os outros. Portanto não somos exatamente reais uns para os outros, sequer o somos para nós mesmos. E esta alteridade radical é a nossa melhor chance - nossa melhor chance de atrair e ser atraído por outros, de seduzir e ser seduzido. Falando simplesmente, é a nossa chance na vida."

(J. Baudrillard: 2001: 77-78)

O desejo humano de apreender o real remonta às origens do próprio pensamento humano e a Filosofia refere-se a esse tema reiteradamente.

As teorias da representação propostas pelos estudos da Antropologia apontam para a origem dessa questão quando nos falamos do surgimento da consciência no homem e da sua capacidade de representar, tornando presentes, por meio de estruturas cognitivas, os objetos e as experiências ausentes à percepção momentânea do ser, o que inaugura o caráter duplo do ser humano, inscrevendo-o a partir de então numa dupla realidade: a da percepção e a da representação, ambas inseridas e amalgamadas ao que o homem passa a considerar como real. A teoria Semiótica dá o golpe final no que diz respeito a essa





questão, demonstrando com toda clareza que não há um real objetivo quando se fala de percepção, de linguagem e de comunicação.

Por isso, apesar de algumas vertentes científicas (realistas-objetivistas) insistirem no ponto, que nos parece indiscutível, de que devemos considerar a existência de um universo real e objetivo, independente da percepção humana, é difícil contestar que, quando pensamos ou teorizamos sobre esse universo, por mais objetivo que ele seja em si mesmo, estamos nos valendo de estruturas cognitivas para fazê-lo². E de fato as próprias ciências exatas postulam hoje que, em primeira instância, são as interações e as conexões entre os seres que constituem as coisas em si mesmas nesse universo essencialmente relacional.

Edgar Morin, em toda sua obra (em especial em O método IV e em O paradigma perdido), nos apresenta essas questões e mostra com muita clareza como o real, tal como nós o pensamos, é uma construção simbólica do grupo social³. Se para o ser humano não é possível com/preender "o real", o grupo social estabelece convenções, trama consensos e dissensos na busca de "um real". Consenso passa, então, a ser a palavra-chave para a criação dos discursos sobre o real, tão imprescindíveis na criação de um universo comum partilhável.

No entanto, o senso comum de nossa época nutre um enorme desinteresse pelas questões relativas ao real (excetuando-se alguns discursos científicos). Esse desinteresse

² Ver Francisco Varela, em Sobre a competência ética (1995), Ed. 70.

³ Construção simbólica que parte do grupo social mas que, em determinado momento de seu complexo processo, cria uma dimensão própria que se emancipa do controle social (que ironicamente continua a se imaginar no controle). Sobre essa dimensão noológica do espírito humano, ver O método IV, de E. Morin.





pelo real é em parte fruto dessa nova ambiência contemporânea que desloca sua atenção do acontecimento vivido para o "fazer parte" desse acontecimento, seja ele qual for, o que já não importa muito. Sobre isso Michel Maffesoli fala que a ética de nosso tempo é algo como o "experimental junto" a vida, como se a partir da modernidade déssemos mais valor a esse estar junto do que à experiência real que se partilha⁴.

Dentre as motivações desse desejo de estar junto certamente poderíamos apontar para a perda da experiência religiosa (o religare) que, intensificada na Modernidade, não sobrevive ao espírito de nosso tempo. Órfãos da religião e da experiência mística que somos, resta-nos apenas esse estar-junto, pálido resíduo do ritual.

Essas questões inicialmente levantadas neste texto, que podem parecer tão óbvias para os que estudam as Ciências Humanas, passa ao largo, porém, de grande parte dos estudos sobre Jornalismo e Mídia.

Mergulhados num turbilhão de complexas experiências cotidianas, herdeiros todos da Modernidade (e da paixão pelo esclarecimento iluminista), os jornalistas passam o tempo a se debater (muitas vezes heroicamente) em busca da informação do último instante, deixando em segundo plano questões centrais como a da seleção.

Todo gesto comunicativo abriga, implicitamente, um complexo processo de elaboração cognitiva no qual a seleção desempenha relevância crucial (cf. Contrera, 2002). Contemporaneamente, em épocas de saturação da informação, talvez a capacidade de selecionar adequadamente seja o mais relevante para o trabalho do jornalista. Esse é

⁴ Sobre a "ética da estética", em No fundo das aparências.





certamente o grande dilema atual⁵. Toda seleção, no entanto, baseia-se em critérios que partem do e dizem respeito ao campo contextual do qual a informação nasce, da rede de relações da qual ela faz parte, de onde surge e a partir de onde tece seus sentidos.

A presente reflexão se interessa exatamente por isso: pelo fato de que esse contexto do fazer jornalístico tem sido muito mais o ambiente da própria mídia (sua ideologia, sua economia, suas tecnologias e recursos, etc.) do que o ambiente das sociabilidades que se tecem fora da mídia (sociabilidades essas que deveriam pautar os discursos jornalísticos sobre o real). E essa situação se evidencia na crise contemporânea da reportagem que, nas práticas jornalísticas, mal sobrevive ao império das fontes únicas das agências de notícias.

Perguntamo-nos então: nesse cenário, como ficam os discursos jornalísticos cujo traço distintivo e peculiar é o de ser comprometido com os consensos e dissensos sociais geradores do entendimento sobre o real? Se eles abdicam desse papel, em nome da adequação ao mercado ou de outras questões funcionais, em que se diferenciam dos discursos publicitários?

O que vem depois do real?

"A natureza e a função do modelo variam, mas, o que nos interessa, é a variação." (M. Serres: s/d: 18)

⁵ Cabe aqui lembrarmos da grande questão, concomitante e relativa também à seleção, que é a questão das práticas de edição, sobre as quais Leão Serva discorre de forma muito pertinente em seu livro *Jornalismo e Desinformação*.





Morta a ilusão de podermos definir o real, de podermos estampá-lo na primeira página do jornal, libertando o espírito humano da dúvida e do árduo trabalho da alteridade, testada e construída na cotidianidade das relações, para onde se desloca o desejo humano do controle, o desejo inconsciente pela verdade (até a pouco escondido na possibilidade de definição do real)? Ou, parafraseando M. Serres, nosso método (caminho) de interação social, nossa variação contemporânea, nos dirige para onde?

Tendo abdicado da verdade, da experiência e do sentido, quais as questões perseguidas pela nossa época?

Se buscamos alguma resposta a essas indagações, imediatamente nos vêm à mente uma das mais relevantes questões que a contemporaneidade nos coloca: a das conectividades, das relações, dos fluxos⁶, que se encontra no cerne do encantamento presente na maior parte dos discursos sobre as novas tecnologias aplicadas à comunicação e aos novos ambientes midiáticos da web, bem no tom celebratório das vozes que começam a formar o que se poderia chamar da escola do contentamento tecnológico. A questão das conectividades, que é também desenvolvida pelos estudos relativos à Teoria dos Sistemas, seria enfim muito adequada ao contexto contemporâneo da comunicação se, no entanto, não se houvesse posto de lado a importância do sentido, que se perde junto com a comunicação da proximidade, junto com a experiência do corpo⁷.

⁶ Sobre essa questão recomendo o poético texto de Michel Serres, A lenda dos Anjos.

⁷ Esta questão vem sendo trabalhado nos últimos anos por H. Pross, Vicente Romano, Dietmar Kamper e Norval Baitello Júnior em vários momentos diferentes de suas obras. Algo a esse respeito também pode ser encontrado no capítulo "O império dos não-sentidos", em Mídia e Pânico.





Anestesiado o sentido e afastado o corpo interagente do ambiente da ação i/mediata, a mídia se esvazia das referências obtidas por meio da experiência vital e passa a valer por si mesma. Não importa mais que tipo de comunicação se dá através do meio (ou sequer se há comunicação efetiva), contanto que o meio em si se mantenha fortalecido e legitimado pelo consentimento geral dos que acessam a mídia na ilusão de estarem conectados a algo ou a alguém. Neste cenário, a única conexão que de fato aconteça talvez seja aquela que se estabelece com um social imaginado (mapeado e reduzido à tribalização, como nos aponta M. Maffesoli). Neste sentido, o indivíduo se conecta apenas com sua própria ficção sobre o outro, ficção essa construída no ambiente dos meios.

O meio não só é a mensagem, a situação vai além e o meio passa a ocupar todo o lugar da mensagem, que se esvazia por inteiro, perdida na rotina entorpecedora da superinformação⁸.

Não interessa a mensagem, ninguém quer saber nada, ninguém quer pensar a respeito de nada. O novo ser comunicante quer estar no meio: quer se sentir fazendo parte, quer ser visto (todo mundo quer ser visto e ninguém mais consegue ver), quer reconhecer o outro apenas na medida em que o outro lhe confirma a própria inclusão na rede, a pertencência ao grupo dos conectados.

Confirma-se a máxima: acesso e sou acessável, logo existo.

A síndrome da auto-referência

⁸ Este conceito é apresentado por E. Morin, no livro *Para sair do século XX*, e desenvolvido pela presente autora no livro *Mídia e Pânico*, no capítulo "Saturação - a sociedade dos obesos anêmicos".





O problema da seleção (do olhar do jornalista, do seu texto, ou ainda do trabalho do editor) em épocas de saturação da informação, quando os critérios se perdem no mar de relevâncias subjetivas, políticas econômicas e de premências impostas pelo ritmo vertiginoso da produção jornalística, exige de nós um pouco mais de atenção.

Afinal, morta (ainda que tardiamente) a ilusão da neutralidade jornalística, até mesmo porque os estudos lingüísticos e semióticos se ocuparam de demonstrar que toda linguagem é um trabalho de representação com alto grau de subjetividade, qual o critério possível para o novo e exaustivo trabalho de seleção da informação que deve ocupar as atenções e os espaços dos noticiários?

Frente ao insano trabalho de selecionar informação em um universo de interesses cada vez mais globalizado graças aos avanços da mídia eletrônica, o jornalista ainda tem de contar com um ritmo de trabalho acelerado ao máximo pela competitividade do mercado que vê na rapidez da informação, agora reduzida apenas ao valor de mercadoria, uma de suas mais celebradas qualidades⁹.

Postular, neste contexto, uma seleção consciente ou ética (e as discussões sobre a ética voltam à moda nos meios acadêmicos) é ingenuidade. Isso é o que, por exemplo, explicita o discurso de Otávio Frias Filho (citado por Gisela Taschner) quando ele diz que o jornal é um produto como outro qualquer, e que tem como objetivo central vender, o que faz com que o jornal se adapte às expectativas do seu público leitor, ou seja, do seu público consumidor. Essas são as regras de mercado da economia capitalista que ninguém mais se dá ao trabalho de contestar, já que, afinal, atire a primeira pedra a empresa de

⁹ Leão Serva se refere a essa situação em seu livro *Jornalismo e desinformação*, ao falar sobre a lógica tirana da notícia-novidade.





comunicação que, hoje, não comungue com essa política econômica da máxima lucratividade.

Junta-se a essa preocupação em agradar o público leitor-consumidor a influência das assessorias de imprensa que, por meio de altos investimentos, fazem qualquer coisa virar notícia, num processo que usa o poder simbólico dos espaços jornalísticos para a legitimação do que é muitas vezes absolutamente irrelevante.

Resta então a questão: que critérios utilizar nesse (por todos sabido) impossível trabalho de seleção?

Para fugir ao problema irresolúvel da práxis, nada melhor do que voltarmos à questão do "quem somos?". E é nesse movimento aparentemente legítimo, mas que esconde um perigo, que reside o impulso narcísico regressivo, primitivo, mítico, da auto-referência, que torna viável o funcionamento cotidiano de um fazer jornalístico que está sob o domínio da instantaneidade da informação.

Jornalistas hoje informam especialmente sobre si mesmos, sobre o que outros jornalistas informam, em um processo que foi diagnosticado por Norval Baitello Júnior como a síndrome da auto-referência¹⁰.

É claro que também podemos pensar que a opção por uma sistema seletivo centrado na auto-referência deva-se ao fato da falência da fé no real. Possivelmente, após nos rendermos ao fato de que não somos capazes de apreender, dominar o real, abdicamos

¹⁰ Norval Baitello Júnior desenvolve essa questão da auto-referência em vários momentos, mas o leitor pode achar uma referência explícita a esse fenômeno em seu artigo "Síndrome da Máquina", no livro Ensaio de Complexidade.





dele e nos lançamos à empreitada tecnológica da criação de um universo simulado, esse sim, supostamente controlável. Indubitavelmente, nossa época apresenta uma predileção pelo simulacro, pelos projetos da biotecnologia que propõe a recriação do mundo (alimentos transgênicos, clonagens), incluindo a recriação da própria espécie humana (via pesquisas de DNA), como bem tem apontado J. Baudrillard¹¹.

Por isso, não é de espantar que o Jornalismo esteja tecendo seus textos, simulacros como todo o resto da produção midiática - e talvez social - de nosso tempo, ao redor de seu próprio umbigo, por meio das agências centralizadoras e da lógica tribal, no circuito fechado da auto-referência¹².

Ficamos, ao final de tudo, com o universo fechado da mídia que informa sobre o seu próprio sistema (incluindo a máquina tecnológica-burocrática-econômica) em sua glamorosa estética do espetáculo, construído sempre com a prata da casa¹³.

A notícia impactante: o homem que morde o cachorro.

O jornalismo praticado em nossa época confunde o elemento novo que a informação deve portar com a atual absolutização do valor de novidade da notícia (mais mercadológico do que conteudístico). Em um universo em que nada mais é sentido como novidade, até mesmo pela aceleração dos tempos informativos que fundem tudo em um aqui e agora

¹¹ Vale a pena conferir o enfoque dado a essa questão por J. Baudrillard, em seu livro *A ilusão vital*.

¹² Eis aqui novamente a crise da reportagem e a absolutização do uso das agências de notícias.

¹³ O que nos esclarece o porquê de eventos como o nascimento da Sasha, filha da estrela global Xuxa, ou como as situações que ocorrem no reality show *Big Brother Brasil*, também da Globo, podem ser incluídas na pauta do *Jornal Nacional* da mesma emissora, considerados assuntos de interesse jornalístico.





contínuo e indiferenciado, a informação nova é trocada pelo inusitado. É preciso muito show de horror para nos tirar do estado anestésico da saturação.

E inusitado, nesse sentido, assume a pior interpretação possível daquele clichê que diz que "notícia é quando o homem morde o cachorro". Afinal, o que os jornais buscam para agradar seus leitores não é tudo o que venha a sair do curso dos acontecimentos (cf. Gisela Taschner)?

Não é novidade que o Jornalismo, contaminado pelo ambiente midiático, há tempos tem privilegiado o tratamento espetacular dos acontecimentos, exagerando talvez no "desejo de agradar", de manter o cliente-leitor satisfeito. É exatamente a isso que Ciro Marcondes Filho se refere quando diz que o conteúdo do Jornalismo visa criar imagens cada vez mais fortes (in *A saga dos cães perdidos*). Mas o que vemos atualmente é mais que espetáculo, é a irrupção absoluta da estética do grotesco¹⁴.

Não nos cabe definir o grotesco, até mesmo porque estamos, todos que temos contato com o universo midiático, amplamente expostos a ele. O que nos cabe é pensar no sentido de tão intensa irrupção do grotesco no contemporâneo, mesmo quando sabemos que ele está presente no imaginário de todos os tempos.

Nosso grotesco tem traços próprios, ele não é, por exemplo, um grotesco imaginante, literário ou burlesco, é um grotesco que se evidencia e se explicita exageradamente, que se dá a enxergar na maior parte das imagens que nos chegam pelos mídia¹⁵. É um

¹⁴ Exclusivamente sobre essa questão, Muniz Sodré e Raquel Paiva lançaram recentemente *O império do grotesco*.

¹⁵ A esse respeito remeto o leitor aos textos de Norval Baitello Jr. sobre a Iconofagia, presentes no site do CISC.





grotesco sem imaginação porque não deixa nada a imaginar, mostra tudo numa operação ininterrupta de mostragem que é grotesca em si mesma.

Outro traço peculiar é que nossa época amplifica tanto o grotesco quanto o impactante pelo abuso do apelo visual. O efeito do grotesco é otimizado pela absoluta visibilidade contemporânea porque o que nos choca mais é o que está perto o suficiente para que o vejamos. Desde os primórdios do processo de sociabilização do sapiens, é exatamente este o sentido profundo do olhar - o controle do espaço imediato, ou seja, controlar a distância e os movimentos dos objetos e dos seres de forma a garantir que eles não quebrem a margem de segurança com uma excessiva proximidade, fragilizadora e mortal quando se trata, por exemplo, de um predador. O olhar é essencialmente um sentido que conhece para controlar, para se defender. Por isso tornar tudo visível é uma forma de, por meio da simulação ininterrupta da proximidade, nos manter sob eterna ameaça, sob constante vigília.

Mas não há apenas uma mega-operação de mostragem, há uma enorme velocidade imposta ao ritmo dessa mostragem, por meio de imagens que não mais se referem a nada, simulacros que são. E sem referências, estamos no território da não-memória. Em meio a esse constante fluxo, a memória social se desfaz por falta de tempo para que as imagens se contextualizem, perdidas na voracidade do espírito pós-moderno ou na descartabilidade das demandas econômicas do mercado.

A recorrência, muitas vezes obsessiva, de temas e padrões de imagens não evidencia mais um trabalho de reciclagem de conteúdos da memória cultural, mas podem ser compreendidos como sinais de uma perturbação neurótica, da fixação de uma época que





não consegue elaborar seus conflitos por meio dos acordos neuróticos da linguagem¹⁶, de um tempo que vê esgarçarem-se, lentamente, as capacidades simbólicas do humano.

Incompetência simbólica e Paranóia

A crise das competências simbólicas que vivemos talvez seja uma das mais relevantes questões com as quais a Comunicação deva se ocupar. Sobre essa questão, J. Baudrillard afirma que:

Mas hoje a linguagem é confrontada pela fantasia hegemônica de uma comunicação global e perpétua - a Nova Ordem, o novo ciberespaço da linguagem - onde a ultra-simplificação das linguagens digitais prevalece sobre a complexidade figural nas linguagens naturais. Com o código e a decodificação binários, a dimensão simbólica da linguagem está perdida; a materialidade, a multiplicidade e a mágica da linguagem foram apagadas. No limite extremo da computação e da codificação e clonagem do pensamento humano (inteligência artificial), a linguagem como um meio de troca simbólica torna-se uma função definitivamente inútil. Pela primeira vez na História, nós nos deparamos com a possibilidade de um Crime Perfeito contra a linguagem, uma aphanisis da função simbólica. (J. Baudrillard: 2001: 75-76)

Essa questão já havia também sido apontada por James Hillman que, em um brilhante estudo sobre a paranóia que nos ajuda a entender nossa sociedade atual, afirma que um dos traços fundantes da paranóia é a tendência à literalização, ou seja, um achatamento da dimensão simbólica da linguagem. Hillman nos atinge com sua afirmação de que:

¹⁶ Sobre isso, E. Morin coloca que: "A neurose não é unicamente uma conseqüência, mas também uma resposta a uma incerteza, a uma angústia, a uma ameaça, a um conflito, e essa resposta, de caráter mágico-ritual, estabelece um compromisso entre o cérebro e a realidade exterior (no interior da sua própria realidade)."





"... a paranóia seria definida como a demonstração de uma revelação noética, vivida literalmente." (J. Hillman: 1993: 42)

Difícilmente poderíamos encontrar melhor definição do que acontece hoje no ambiente midiático, nesse universo do "ciberespaço da linguagem" ao qual Baudrillard se refere.

Estamos participando de uma mega-operação de consumo das imagens e das informações, literalizadas como produtos e tornadas devoráveis. Na tentativa de matar o tempo com o instantâneo absoluto da "comunicação global e perpétua", tentamos devorar Cronos, realizando a devoração do deus devorador.

Na nova ordem da comunicação perpétua, o Jornalismo não tem mais que se ver com a questão do real, e muito menos ainda com a questão da verdade, eterno incômodo da alma humana. Se qualquer coisa pode ser verdadeira pela autonomia do universo dos simulacros midiáticos, tudo o que publicamos está acima de qualquer suspeita, tudo é a mais absoluta verdade. Mas, como afirma Baudrillard:

"... verdade absoluta é outro nome que se dá para a morte." (J. Baudrillard: 2001: 79)

BAITELLO JR., NORVAL, (1997) *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume

BAUDRILLARD, JEAN, (2001) *A ilusão vital*. R. de Janeiro: Civilização Brasileira





CASTRO e outros (orgs.), GUSTAVO DE, (1997) *Ensaios de complexidade*. Porto Alegre: Sulina

CONTRERA, MALENA S., (2002) *Mídia e pânico - saturação da informação, violência e crise cultural na mídia* São Paulo: Annablume

HILLMAN, JAMES, (1993) *Paranóia* Petrópolis: Vozes

MAFFESOLI, MICHEL, (1996) *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes

MARCONDES FILHO, CIRO, (2000) *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker

MORIN, EDGAR, (1988) *O paradigma perdido*. Lisboa: Europa-América

MORIN, EDGAR, (1992) *O método IV*. Lisboa: Europa-América

SERRES, MICHEL, (1995) *A comunicação*. Porto: Rés

SERRES, MICHEL, (1995) *A lenda dos anjos*. São Paulo: Aleph

SERVA, LEÃO, (2000) *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Senac

SODRÉ, MUNIZ e PAIVA, RAQUEL, (2002) *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: MAUAD

TASCHNER, GISELA, (1992) *Folhas ao vento - uma análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra

